

## FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

João Alberto Wohlfart<sup>1</sup>

O objeto do artigo é explicitar os fundamentos epistemológicos da *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. No contexto dos duzentos anos de publicação da *Ciência da Lógica*, de Hegel, desponta a principal matriz filosófica da teoria pedagógica de Paulo Freire que lança as suas raízes na filosofia hegeliana. Com tantas críticas ao objetivismo da metafísica tradicional, ao inatismo clássico e ao subjetivismo moderno, a mais abrangente matriz filosófica presente em Paulo Freire é a filosofia dialética hegeliana. Na *Pedagogia do Oprimido* encontramos vários pontos que remetem diretamente à Hegel, destacadamente na homologia feita pelo educador brasileiro com a Dialética do Senhor e do Escravo exposta na *Fenomenologia do Espírito*. Sob esse enfoque, Paulo Freire expõe na mesma lógica a relação entre dominador e dominado e desdobra essa relação para a esfera pedagógica da relação entre professor e aluno na educação bancária. Encontramos ainda, na *Pedagogia do Oprimido*, uma concepção epistemológica que enraíza a teoria freireana na *Ciência da Lógica*, uma concepção antropológica que se distribui por toda a filosofia hegeliana e uma noção de história que lança as suas raízes na Filosofia da História.

O artigo apresentado concentra-se na derivação da concepção e da estrutura epistemológica desenvolvida por Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido* em relação às obras estruturantes do sistema filosófico hegeliano, particularmente a *Ciência da Lógica* e a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. O raciocínio inverso também é verdadeiro porque Paulo Freire desdobra numa Filosofia da Educação o modelo dialético do sistema hegeliano, particularmente a sua noção epistemológica.

Sob o ponto de vista de uma epistemologia filosófica dialética, a principal referência de derivação de Paulo Freire em relação a Hegel é a dialética da subjetividade e da objetividade. A noção filosófica de conhecimento não se caracteriza pela pura objetividade da essência simplesmente interiorizada pelo sujeito, nem pela pura subjetividade que configura o mundo de acordo com a sua estrutura transcendental imanente, mas a subjetividade e a objetividade são dialeticamente relacionadas. Para Hegel e para Paulo Freire, a subjetividade é construída a partir do movimento de objetivação da subjetividade e pela sua interiorização reflexiva, enquanto a objetividade é constituída no ato do conhecimento do sujeito. Na circularidade dialética da estrutura epistemológica, a objetividade é resultante da exteriorização e concretização da subjetividade na forma da diferença externa, e a subjetividade é resultante do processo de conhecimento da objetividade. Hegel escreve:

O método é o movimento de ilimitada universalidade, no sentido interno e externo, como força absolutamente infinita, que nenhum objeto enquanto se apresenta como exterior, afastado da razão e independente dela, poderia oferecer resistência, oferecer diante dela uma natureza particular e recusar-se a ser compenetrado por ela. Por isto, o método é a alma e a substância, e uma coisa só é conceituada e sabida em sua verdade, quando está totalmente submetida ao método; ela é o método de cada coisa mesma, porque a sua atividade é o conceito. Este é o sentido verdadeiro da universalidade, segundo a universalidade da reflexão tudo é tomado como método; segundo a universalidade da Ideia ele é o meio e o sentido do conhecimento, como o subjetivo autoconhecimento do conceito, como a maneira e sentido objetivo, ou muito mais a substancialidade das coisas, ou seja, dos conceitos, enquanto a representação e a reflexão aparecem em outro (HEGEL, 1993, p. 238).

---

<sup>1</sup> Professor de filosofia na Faculdade de Administração da Associação Brasileira de Educação (FABE) e no Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; endereço eletrônico: joao@fabemaru.edu.br.

Na filosofia hegeliana, particularmente na relação entre *Ciência da Lógica* e sistema filosófico, a integração sistemática entre subjetividade e objetividade caracteriza a sua noção de método. Não se trata de uma sobreposição dualista como o foi na tradição metafísica, como também não se trata de uma indiferença como na Filosofia da Natureza, de Schelling. Como dinamismo metódico da filosofia hegeliana, subjetividade e objetividade articulam-se ciclicamente num permanente processo de interiorização e exteriorização e de desenvolvimento qualitativo. Neste sistema, a subjetividade caracteriza a força articuladora do método e a alma do conteúdo como a sua reflexividade, enquanto a objetividade compreende a estrutura do real sistematicamente estruturada. Na disposição cíclica em forma de ondas dinâmicas e concêntricas, a subjetividade universal exterioriza-se na estrutura da objetividade da Natureza e do Espírito, e a objetividade interioriza-se numa nova esfera de reflexividade e sistematicidade filosóficas. Nesta circularidade dialética, subjetividade e objetividade identificam-se porque se integram num mesmo ciclo de mediação e porque cada dimensão é a expressão da outra, e diferenciam-se porque a emergência da cada dimensão inaugura uma nova fase de subjetividade e de objetividade. A noção epistemológica de Paulo Freire caracteriza essa mesma estrutura circular na qual a subjetividade expressa a criticidade da reflexão filosófica e a interioridade consciente de um povo, e a objetividade caracteriza a estrutura histórica de um determinado período. Na visão dialética de Paulo Freire, desenvolve-se uma permanente circularidade de mediação entre a razão de uma época e a estrutura objetiva da mesma.

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da subjetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade (FREIRE, 2008, p. 41).

Outra dimensão epistemológica que remete Paulo Freire a Hegel é a noção sistemática do verdadeiro como um todo. Hegel anuncia esta proposição no Prefácio à *Fenomenologia do Espírito* e a vincula com o resultado de um complexo desenvolvimento dialético articulado no conjunto das determinações do real. Para Hegel, cada coisa e elementos particulares devem ser compreendidos na perspectiva da totalidade, numa sistemática de desenvolvimento global e num núcleo de convergência de relações. A concepção hegeliana de totalidade não a desvincula das partes, mas é compreendida como uma interação dinâmica entre as partes que formam o todo. A visão hegeliana sobre o todo não caracteriza um totalitarismo que esmaga as partes, mas elas figuram como um processo de particularização do todo e o todo como uma interconexão e interdependência das partes. Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*, desenvolve uma epistemologia inspirada na proposição hegeliana do verdadeiro como um todo e dentro de um contexto histórico específico. Como o educador brasileiro desenvolve uma epistemologia crítica da realidade social e política, situa os fatos políticos e as estruturas de dominação em círculos de organização continental, intercontinental e universal, numa interação política, social, cultural e econômica.

A vinculação de Paulo Freire ao pensamento hegeliano é um estudo altamente relevante porque insere o educador brasileiro na grande corrente filosófica dialética que tem em Parmênides, Platão, Plotino, Agostinho, Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Espinosa, Fichte, Hegel, Marx e Prigogine os seus representantes fundamentais. Estes filósofos representam a grande trajetória da filosofia dialética que chega em Paulo Freire na condição de uma Filosofia da Educação. O artigo aponta alguns elementos de uma leitura filosófica da

obra de Paulo Freire na sua relação direta com a tradição dialética em sua versão moderna formulada pelo filósofo alemão GWF Hegel. Alguns aspectos dessa relação são claros e evidentes no texto freireano, outros, no entanto, necessitam de um olhar filosófico mais aprofundado.

O estudo foi recentemente publicado num livro intitulado “*Fundamentos Dialéticos da Pedagogia do Oprimido*”. O artigo aborda um aspecto do livro que é o viés epistemológico da relação entre Hegel e Paulo Freire. O artigo é relevante para o colóquio cujo tema principal é “educação como prática da liberdade”. O filósofo Hegel é um dos principais expoentes da liberdade em cujo conceito filosófico Paulo Freire se inspira para a sua formulação do conceito de liberdade e orientar a prática. O trabalho integra-se no eixo “Educação e Cultura” porque a filosofia continua sendo a referência e a inspiração fundamental para qualquer processo educativo. Por outro lado, a filosofia é uma das grandes obras culturais que atravessa a história e um meio indispensável para o desenvolvimento das outras formas culturais. As nações que deram atenção ao pensamento filosófico são culturalmente mais avançadas.

#### Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HEGEL, GWF. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993. 2 b.